

**ARQUÉTIPOS ANCESTRAIS DO DESTINO:**  
os 16 odus do Jogo de Búzios à luz da Psicologia Analítica

**ANCESTRAL ARCHETYPES OF DESTINY:**  
*the 16 odus of the Cowrie Shell Divination Game in the Light of Analytical Psychology*

**ARQUETIPOS ANCESTRALES DEL DESTINO:**  
*los 16 odus del Juego de Caracoles a la Luz de la Psicología Analítica*

**Rodrigo Nogueira Martins\***

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião  
Juiz de Fora, MG, Brasil  
E-mail: [rodrygovirtual@hotmail.com](mailto:rodrygovirtual@hotmail.com)  
ORCID: [0000-0002-6068-5430](https://orcid.org/0000-0002-6068-5430)

**RESUMO**

O artigo propõe uma análise simbólica dos dezesseis odus do *merindilogun* (jogo de búzios) como Arquétipos do destino presentes em uma forma de clínica ancestral e ritual. Por meio de uma abordagem hermenêutica e interdisciplinar, propõe-se uma interpretação dos odus como mitologemas afro-diaspóricos que condensam temas como travessia, sacrifício, renascimento e ancestralidade. A análise dialoga, principalmente, com o Candomblé, a Psicologia Analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung e os estudos de James Hillman, estabelecendo conexões entre espiritualidade afro-brasileira e Psicologia Simbólica. Ao enfatizar uma escuta decolonial dos saberes ancestrais, o estudo traz contribuições para o desenvolvimento de uma Psicologia Afro-centrada.

**Palavras-chave:** Merindilogun; Jogo de Búzios; Odus; Arquétipo; Psicologia Analítica; Jung.

**ABSTRACT**

*The article proposes a symbolic analysis of the sixteen odus of the merindilogun (cowrie shell game) as Archetypes of destiny present in a form of ancestral and ritual clinic. Through a hermeneutic and interdisciplinary approach, an interpretation of the odus is proposed as Afro-diasporic mythologems, which condense themes such as crossing, sacrifice, rebirth and ancestry. The analysis dialogues mainly with Candomblé, the Analytical Psychology developed by Carl Gustav Jung and the studies of James Hillman, establishing connections between Afro-Brazilian spirituality and Symbolic Psychology. By emphasizing a decolonial listening to ancestral knowledge, the study presents contributions to the development of an Afro-centered Psychology.*

**Keywords:** Candomblé; Merindilogun; Cowrie Shell Divination; Odus; Archetype; Jung.

**RESUMEN**

*El artículo propone un análisis simbólico de los dieciséis Odus del merindilogun. (juego de la*

\* Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

*concha cauri) como Arquetipos del destino presentes en una forma de clínica ancestral y ritual. A través de un enfoque hermenéutico e interdisciplinario, se propone una interpretación de los odus como mitologemas afrodiaspóricos, que condensan temas como el cruce, el sacrificio, el renacimiento y la ascendencia. El análisis dialoga, principalmente, con el Candomblé, la Psicología Analítica desarrollada por Carl Gustav Jung y los estudios de James Hillman, estableciendo conexiones entre la espiritualidad afrobrasileña y la Psicología Simbólica. Al enfatizar una escucha decolonial de los conocimientos ancestrales, el estudio presenta contribuciones al desarrollo de una Psicología afrocéntrica.*

**Palabras clave:** Candomblé; Merindilogun; Juego de Caracoles; Odus; Arquetipo; Jung.

## 1 INTRODUÇÃO

As religiões afro-brasileiras, incluindo o Candomblé, estruturam-se por complexos sistemas simbólicos, cosmológicos e rituais que articulam as dimensões espiritual, ética, social e existencial da vida. Entre suas práticas centrais, o jogo de búzios, também conhecido como *merindilogun*, opera como uma tecnologia espiritual e oracular ancestral que permite o acesso a narrativas de destino, aconselhamento e cura por meio dos odus. Embora amplamente reconhecido no contexto religioso e cultural afrodiaspórico, o jogo de búzios ainda é subvalorizado nos espaços acadêmicos e clínicos, que historicamente negligenciaram as epistemologias tradicionais não europeias. Esse silenciamento é resultado de um semicídio ontológico, processo que Muniz Sodré, na obra *Pensar Nagô: continuidades afro-brasileiras* (2017), caracteriza como o apagamento sistemático das ontologias e formas de ser africanas frente ao domínio da racionalidade ocidental. Nesse sentido, este artigo busca contribuir com a reconexão e o reconhecimento desses saberes, propondo uma análise simbólica do jogo de búzios em diálogo com a psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

Essa interlocução revela a existência de pontos de convergência entre a tradição afro-brasileira e os fundamentos da psicologia junguiana, que oferece ferramentas teóricas para a compreensão dos mitos, imagens e narrativas que emergem da alma coletiva e se manifestam por meio de arquétipos. Para Jung, os mitos expressam realidades psíquicas universais e os arquétipos são formas estruturantes do inconsciente coletivo, cujas imagens, embora plurais em suas expressões culturais, possuem núcleos de sentido compartilhados. No mesmo sentido, os odus do *merindilogun*, como caminhos de destino, contêm narrativas mitológicas que se manifestam na vida dos sujeitos como roteiros simbólicos de provação, ruptura, cura, sacrifício, ancestralidade, renascimento e travessia.

Neste contexto, propõe-se uma interpretação dos dezesseis odus do jogo de búzios como mitologemas afrodiaspóricos, entendidos como unidades narrativas simbólicas que condensam experiências psíquicas coletivas, arquétipos culturais e estruturas ético-

espirituais. A proposta é compreender cada odu para além de uma resposta oracular ou um código divinatório, incluindo sua manifestação como imagem arquetípica da alma, capaz de orientar o sujeito diante das grandes questões da existência em uma clínica ancestral.

Este estudo ancora-se em uma abordagem hermenêutica simbólica e qualitativa, que articula epistemologias afro-brasileiras, Psicologia Analítica e Ciência da Religião. A metodologia deste estudo se baseia no reconhecimento de epistemologias ancestrais como fontes legítimas de saber e, para isso, traz como referência interpretativa o pesquisador José Beniste (2001), cuja obra sistematiza os fundamentos do *merindilogun* com rigor acadêmico, e a tradição vivida por Mãe Stella de Oxóssi (Maria Stella de Azevedo Santos), que, junto à autora Graziela Domini (2017), transmite saberes oraculares enraizados na prática religiosa. Tal escolha metodológica busca valorizar vozes afrodescendentes e sacerdotais como portadoras de autoridade epistêmica, promovendo uma escuta decolonial e respeitosa dos conhecimentos ancestrais, em sintonia com os princípios da Psicologia Arquetípica, de maneira a colaborar com a consolidação de uma Psicologia que valoriza a perspectiva e a voz das pessoas negras.

Essa vertente emerge como uma resposta epistemológica às limitações da psicologia hegemônica eurocentrada. Conforme ressalta Simone Gibran Nogueira, “o seu avanço institucional ainda está por se fazer, sem organizações como associações ou sociedades em psicologia africana, psicologia afrocentrada [...] como observamos em contextos internacionais” (Nogueira, 2023, p. 152), o que reforça a necessidade de ampliar e consolidar epistemologias afro-referenciadas no campo da psicologia simbólica e arquetípica, em diálogo com os saberes de matriz africana.

## **2 COSMOLOGIAS DO SENTIDO: BÚZIOS, ARQUÉTIPOS E MITOLOGEMAS**

A construção desta proposta parte do encontro entre dois sistemas simbólicos sofisticados: o jogo de búzios, enquanto prática ritualística e divinatória da espiritualidade afro-brasileira, e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, com sua teoria dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Embora oriundos de matrizes culturais distintas, ambos os sistemas se constituem como cosmologias do sentido, isto é, formas estruturadas de compreensão da existência que operam por meio de símbolos, mitos e narrativas.

No interior do sistema cosmológico do Candomblé, o jogo de búzios (*merindilogun*) se trata de uma linguagem simbólica sagrada, capaz de organizar e expressar sentidos existenciais, dilemas psíquicos, estruturas éticas e caminhos de cura. O *merindilogun* opera

com base em 16 combinações possíveis, denominadas odus, que constituem estruturas de sentido narrativo e simbólico, muitas vezes associadas a mitos, arquétipos de comportamento, questões morais e princípios cosmológicos. Nesse sentido, “os odus representam caminhos do destino e condensam em si a memória dos orixás e seus ensinamentos” (Prandi, 2001, p. 47).

A performance do oráculo, se configura como um campo de escuta coletiva, em que a palavra do Orixá, mediada pelos búzios, entra em contato com os conflitos e os ciclos do sujeito. Ao serem lançados, os búzios assumem posições abertas ou fechadas, cuja combinação é interpretada pelo sacerdote ou sacerdotisa a partir de um conhecimento intuitivo, ancestral, narrativo e simbólico. No sistema divinatório, os dezesseis odus são identificados a partir da disposição dos búzios após o lançamento ritual, observando-se quantos deles caem com a parte da abertura natural para baixo (considerados abertos). Por exemplo, *Òkànràn* corresponde a 1 búzio aberto e 15 fechados, enquanto *Àlàfià* traz todos os 16 abertos. Essa leitura, de acordo com Beniste (2011), é combinada com mitos, cânticos e intuições ancestrais. É importante salientar que essa escuta ritual não se limita à previsão de eventos, mas atua como estrutura simbólica de orientação subjetiva, em que se reorganiza o campo do sofrimento, da escolha e da memória pessoal.

É nesse contexto que a presença de Exú e Orunmilá ganha destaque. Exú, como Orixá do movimento e da linguagem, é aquele que permite a abertura dos caminhos e a ativação do oráculo. Ele representa o dinamismo psíquico que liga consciente e inconsciente. Já Orunmilá/Ifá é o que dá forma e profundidade a essa fala, atuando como mestre do destino, guardião do saber e conselheiro cósmico. Ambos expressam, em linguagem mítica, os processos de escuta e mediação simbólica que a clínica junguiana valoriza: Exú como função de mediação e Orunmilá como expressão da sabedoria interior. Assim, o jogo de búzios é uma forma de linguagem ritual que transforma mitos em orientação concreta para a vida cotidiana, considerando que o jogo se aproxima dos modos de funcionamento da linguagem simbólica que, para Jung, é própria do inconsciente: imagens e narrativas que carregam sentido, mesmo quando não racionalmente compreendidas. Abordar o jogo de búzios enquanto linguagem simbólica é, portanto, reconhecer sua função psíquica e espiritual como mediador entre sujeito, mundo e destino.

Na perspectiva da Antropologia da Religião, é imperativo refutar a redução de Exu à figura do *psicopompo* (Jung, 2000); embora analogias funcionais com o mensageiro grego sejam comuns em leituras psicológicas, Exu transcende a mera mediação por ser o Orixá do movimento e da linguagem que ativa, em si mesmo, a comunicação oracular. Da mesma

forma, o *merindilogun* não deve ser compreendido como um sistema mediador impessoal, mas como a própria manifestação da divindade Orunmilá/Ifá. Como senhor do destino e guardião do saber ancestral, Orunmilá não apenas utiliza o jogo, mas provê, através de sua presença divina, a forma e a profundidade ética à fala sagrada, conforme os fundamentos de José Beniste em *O jogo de búzios: um encontro com o desconhecido* (2001), a genealogia mítica descrita por Reginaldo Prandi em *Mitologia dos Orixás* (2001) e a tradição oral sistematizada por Maria Stella de Azevedo Santos e Graziela Domini na obra *Destinos: os caminhos dos odus* (2017).

Para isso, é necessária a conceituação de Arquétipo, noção central na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, que se refere a padrões universais de experiência psíquica manifestas por meio de imagens, símbolos e narrativas. Essas formas arquetípicas são estruturas pré-existentes do inconsciente que organizam a maneira como os indivíduos percebem e experienciam o mundo, definidas como “formas ou imagens de natureza coletiva que ocorrem praticamente em toda parte do planeta como componentes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos individuais de origens inconscientes” (Jung, 2000, p. 75).

Essa ideia de que há formas simbólicas universais que atravessam culturas e religiões permite compreender os mitos, os ritos e as estruturas simbólicas de sistemas religiosos, como o Candomblé, enquanto manifestações legítimas do inconsciente coletivo. Uma das contribuições mais relevantes da psicologia junguiana contemporânea consiste justamente em se deslocar da pretensão de universalidade etnocêntrica para uma escuta intercultural da alma. Essa perspectiva permite compreender os mitos e rituais dos sistemas simbólicos afro-brasileiros como instrumentos de produção e reorganização psíquica. Assim, por meio dos odus, os temas arquetípicos podem emergir e ser escutados em chave terapêutica.

No entanto, considerando que o termo “Arquétipo” não pertence à linguagem nativa das tradições afro-brasileiras, para operar a escuta dos odus no diálogo com a psicologia junguiana é necessário lançar mão de um conceito intermediário: o mitologema. James Hillman (1979), em sua reinterpretação da psicologia arquetípica, define mitologema como “a menor unidade de um mito que carrega uma imagem fundamental da alma” (Hillman, 1979, p. 45). Diferentemente do mito completo, portanto, o mitologema é o núcleo simbólico da narrativa, ou seja, o tema recorrente que aparece sob diferentes roupagens em diferentes culturas e momentos da vida psíquica. Essa perspectiva é complementada por James Hollis na obra *Mythologems: Incarnations of the Invisible World* (1995), na qual o autor explora como essas estruturas fundamentais atuam como pontes para realidades que organizam a experiência humana. Aplicar a ideia de mitologema aos odus permite perceber que os temas

presentes em cada caminho são imagens fundamentais que também aparecem em outras tradições míticas.

Aplicar a ideia de mitologema aos odus permite perceber, por exemplo, que temas presentes em cada odu são imagens fundamentais da alma que também aparecem, com variações, em outras tradições míticas. O núcleo simbólico, assim, não se altera, mas sim a paisagem cultural e espiritual em que ele é narrado. Desse modo, os odus podem ser compreendidos como portadores de mitologemas afro-diaspóricos — núcleos narrativos que se manifestam como orientações de vida e caminhos simbólicos de subjetivação.

### **3 OS 16 ODUS COMO MITOLOGEMAS ARQUETÍPICOS DA PSIQUE**

A Psicologia Analítica, desde suas origens, fundamenta-se na compreensão de que a alma não se revela apenas por sintomas e traumas, mas também por meio de imagens, símbolos e narrativas que emergem do inconsciente. Para Jung (2000), “a psicoterapia é, em última análise, um processo simbólico, porque trata com imagens e significados que não podem ser totalmente explicados racionalmente” (Jung, 2000, p. 101). O símbolo, nesse contexto é uma ponte viva entre o consciente e o inconsciente, capaz de mediar conflitos psíquicos e propor caminhos de reintegração subjetiva.

É nesse sentido que a escuta simbólica, entendida como a atenção à linguagem não literal do inconsciente, adquire status clínico, pois “o símbolo representa a melhor expressão possível de algo até então desconhecido” (Jung, 2000, p. 105), revelando uma verdade psíquica que escapa à linguagem lógica. Tal escuta é particularmente necessária em contextos em que o sofrimento não encontra tradução adequada nos modelos clínicos eurocentrados, como ocorre com a população negra e afrodescendente.

Nesse cenário, práticas como o jogo de búzios oferecem um modelo alternativo, e historicamente legítimo, de escuta simbólica e orientação existencial. Como espaço de enunciação sagrada, o oráculo mobiliza mitos, narrativas e imagens arquetípicas que ressoam na história do consulente. Vale ressaltar que essa escuta transgride o paradigma ocidental da introspecção individual, pois trata-se de um ato coletivo, ritual e ancestral, em que “a alma não precisa ser analisada, mas escutada; escutar é curar” (Hillman, 1979, p. 53).

Mais do que produzir diagnósticos, portanto, essa escuta promove sentido. Ela permite que o sofrimento se inscreva em narrativas maiores, que o conflito adquira densidade simbólica e que o destino seja compreendido como caminho, não como condenação. É nesse contexto que se delinea a possibilidade de uma clínica simbólica

afrocentrada, em que os saberes de matriz africana são assumidos como recursos legítimos para o cuidado da alma. Como sintetiza Kopenawa e Albert (2015), “os brancos curam com remédios, nós curamos com palavras. As palavras verdadeiras dos antigos têm força de cura” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 237). A escuta simbólica, portanto, transcende a circunstância de técnica terapêutica e adquire a condição de postura ética e epistemológica.

Assim, com inspiração na Psicologia Analítica de Jung (2000) e na Hermenêutica Simbólica de Hillman (1979), propõe-se, a seguir, a análise simbólica concreta dos dezesseis odus do *merindilogun*. Cada odu será aqui compreendido como uma matriz narrativa estruturante do destino, portadora de um mitologema singular, isto é, de um núcleo simbólico que expressa padrões profundos da psique, do corpo social e da ancestralidade. A partir dessa perspectiva, cada odu será abordado como uma imagem narrativa da Psique, examinando o mitologema central que o atravessa, o Arquétipo junguiano correspondente e sua função simbólica e terapêutica no contexto da subjetividade afro-brasileira.

Assim, com inspiração na Psicologia Analítica de Jung (2000) e na Hermenêutica Simbólica de Hillman (1979), propõe-se a seguir a análise simbólica concreta dos dezesseis odus do *merindilogun*. Cada odu será aqui compreendido como uma matriz narrativa estruturante do destino e portadora de um mitologema singular, isto é, de um núcleo simbólico que expressa padrões profundos da psique, do corpo social e da ancestralidade. Essa perspectiva dialoga com a teoria da semente desenvolvida por James Hillman na obra *The Soul's Code: In Search of Character and Calling* (1996), na qual o autor defende a existência de uma vocação inata, um padrão individual que busca manifestação ao longo da vida. No contexto do Candomblé, essa *voz do destino* encontra eco no compromisso do sujeito com o seu *Ori* e nas diretrizes dos odus; debruçar-se sobre o oráculo é, portanto, buscar o alinhamento com esse projeto existencial primordial. A partir dessa premissa, cada odu será abordado como uma imagem narrativa da Psique, examinando o mitologema central que o atravessa, o Arquétipo correspondente e sua função simbólica na constituição da subjetividade afro-brasileira.

### 3.1 *Òkànràn* – O início do erro: a pressa

O odu *Òkànràn* é considerado, tradicionalmente, o primeiro dos dezesseis caminhos do *merindilogun*. Em sua posição inaugural, ele carrega o símbolo do impulso criador, da individualidade em estado bruto e da ação que se lança antes de escutar. No universo mítico do Candomblé, *Òkànràn* é associado a movimentos de ruptura, isolamento, orgulho e

aceleração. Sua força arquetípica não reside apenas na ação, mas inclui o desequilíbrio provocado por uma vontade que ainda não se abriu ao coletivo nem à ancestralidade. Na estrutura narrativa do *Òkànràn*, encontra-se um mitologema da origem solitária, uma imagem primordial da consciência que se lança ao mundo sem o amparo do Outro, nem o acolhimento do tempo simbólico, pois “*Òkànràn* é o início. Mas é um início que não espera. Que não escuta. Ele deseja romper” (Santos; Domini, 2017, v. 1, p. 9).

Do ponto de vista da psicologia analítica, essa narrativa se articula com o Arquétipo do herói impulsivo ou com o aspecto sombra do arquétipo do guerreiro, que atua sem mediação simbólica e sem escuta do inconsciente. Jung (2000) observa que “as imagens arquetípicas do herói muitas vezes representam não a vitória da luz, mas os perigos da unilateralidade consciente” (Jung, 2000, p. 109). Em *Òkànràn*, o herói é aquele que se isola, rompe laços e acelera o destino, confundindo liberdade com separação.

Quando *Òkànràn* aparece em uma leitura de búzios, costuma indicar momentos de ruptura, iniciativas apressadas, tensões internas e o risco de decisões egóicas, pois “*Òkànràn* fala da ação precipitada e da necessidade de conter a pressa. Ele avisa que o caminho está sendo construído sem escuta” (Beniste, 2001, p. 84). A função simbólica desse odu é justamente essa: revelar ao consulente que o impulso não pode substituir a escuta, que o destino exige mediação com os ciclos da vida e com os vínculos invisíveis da ancestralidade. A nível clínico e simbólico, *Òkànràn* convida o sujeito à revisão de seus modos de agir e de se lançar no mundo, sugerindo a necessidade de conter o movimento que exclui o Outro e reconhecer os excessos do ego que não aceita limites.

### **3.2 Èjìokò – A dualidade como destino**

O segundo odu do *merindilogun*, *Èjìokò*, é simbolicamente estruturado pela imagem do duplo, da polaridade, do espelho e da bifurcação. Enquanto *Òkànràn* inaugura o movimento com força unilateral, *Èjìokò* introduz a tensão entre dois princípios que se olham, se opõem e se complementam. Trata-se de um odu que convoca o sujeito à tomada de decisão e à convivência com o paradoxo, pois “*Èjìokò* revela o caminho dividido. Ele mostra que há sempre duas forças agindo, e que é preciso reconhecer ambas para seguir adiante” (Beniste, 2001, p. 92).

No campo simbólico, *Èjìokò* pode ser lido como um mitologema do espelho, no qual o sujeito se vê confrontado com a sua sombra, seu oposto ou sua outra possibilidade. O simbolismo dos gêmeos — presentes em diversas tradições mitológicas — estrutura esse odu

como uma imagem da dualidade essencial da alma, que simboliza tanto a complementaridade quanto a tensão dinâmica entre polos opostos da psique, na qual “o encontro com o duplo é uma das experiências mais perturbadoras da consciência, pois ele revela o que foi reprimido, esquecido ou negado” (Jung, 2000, p. 121).

No universo do Candomblé, *Èjìokò* é também um odu de aprendizado por repetição e por contraste. Ele mostra que o caminhar não é linear, que há retornos, dúvidas, hesitações e que tudo isso faz parte da formação da consciência, pois “*Èjìokò* ensina que andar em dois sentidos é possível, mas é preciso saber quando parar, e qual voz escutar” (Santos; Domini, 2017, v. 2, p. 13). A nível terapêutico, *Èjìokò* sinaliza conflitos internos não integrados e divisões psíquicas entre impulso e contenção, tradição e desejo. Sua função simbólica, todavia, não é resolver a tensão, mas revelá-la e mediá-la, convidando o sujeito a encontrar formas éticas e criativas de conviver com o paradoxo, já que “o duplo exige escuta simbólica; ele não se integra por eliminação, mas por reconhecimento” (Hillman, 1979, p. 62).

### **3.3 Ògúndá – A interrupção que inicia**

*Ògúndá* é odu do corte. Ele traz a força simbólica da ruptura, do gesto que interrompe o fluxo repetitivo, do movimento que separa para que algo novo possa emergir. Representa o momento em que a vida exige um reposicionamento, e o destino só pode avançar se algo for deixado para trás, pois indica “a necessidade de afastar obstáculos, romper ciclos e iniciar novas jornadas. Ele traz a força da separação como gesto de cura” (Beniste, 2001, p. 162). O mitologema que estrutura *Ògúndá* é o da ruptura criadora, ao evocar a figura de Ogum, Orixá associado à guerra, ao ferro, à tecnologia e à ação transformadora. Ogum não hesita: ele corta o que impede, em sua sabedoria ritual. *Ògúndá*, portanto, é o odu que nos ensina que, às vezes, a separação é a única forma de continuidade possível, pois “Ogum não é o que destrói por raiva. Ele é o que corta para abrir. É o que separa para proteger. É o que fere para curar” (Santos; Domini, 2017, v. 9, p. 14).

Na Psicologia analítica, *Ògúndá* pode ser lido à luz da função transcendente, conceito de Jung (2000) que descreve a tensão entre opostos psíquicos que, ao invés de serem anulados, são superados por uma nova configuração simbólica, já que “a função transcendente emerge do conflito, e sua ação é semelhante à de uma espada: ela separa, mas ao separar, ela revela um terceiro caminho” (Jung, 2000, p. 149).

No jogo de búzios, *Ògúndá* aparece com frequência em momentos de decisão crítica, rompimentos necessários, fim de ciclos emocionais ou relacionais, e ações que requerem

ética, pois “a presença de *Ògúndá* é sempre um aviso: algo precisa ser cortado. Mas esse corte é gesto de vida, não de morte” (Beniste, 2001, p. 165). Ele é o odu que impede a repetição do erro, bloqueia a acomodação destrutiva e força o consulente a um gesto ativo de separação simbólica. Na clínica simbólica, *Ògúndá* pode representar a necessidade de romper vínculos adoecidos, padrões familiares opressores e contratos psíquicos que já não servem ao crescimento do sujeito. Ele também pode indicar o momento de interromper uma narrativa interna autodestrutiva, sendo que “às vezes é o ato de cortar que salva a alma do enredamento. A alma precisa da coragem do corte para lembrar quem é” (Hillman, 1979, p. 101). Assim, *Ògúndá* não é apenas o corte, mas o que se abre depois dele.

### **3.4 *Ìrosùn* – Gerar a dor e parir a cura**

O odu *Ìrosùn* marca um momento de passagem dolorosa, em que o sofrimento deixa de ser apenas obstáculo e se converte em potência transformadora. Ele é o odu do sacrifício necessário à maturação da alma, e “revela uma fase difícil, marcada por perdas, quedas e sacrifícios. Mas também anuncia que essa dor prepara uma mudança profunda” (Beniste, 2001, p. 121). O sofrimento, aqui, não é ruína: é matéria-prima para a reconstrução de si. O mitologema central de *Ìrosùn* é o da travessia iniciática: a queda, o sofrimento e o renascimento. Como nos mitos em que o herói adoece antes de descobrir sua missão ou desce ao submundo para retornar com sabedoria, esse odu representa o ciclo simbólico da destruição criativa, já que “*Ìrosùn* é a dor que empurra. É a ferida que obriga a andar, mesmo que o chão ainda não esteja firme” (Santos; Domini, 2017, p. 12). Ele convoca o consulente a seguir adiante, ensinando que caminhar em meio à dor é já parte da cura.

Na Psicologia Analítica, esse odu ressoa fortemente com o Arquétipo do curador ferido – uma figura que aparece em múltiplas culturas e simboliza aquele que só pode curar o outro porque conhece a dor por dentro, pois “é muitas vezes a ferida que nos força a procurar um sentido mais profundo da existência” (Jung, 2000, p. 142). *Ìrosùn* ativa essa dinâmica simbólica ao obrigar o sujeito a lidar com aquilo que foi rompido para, então, encontrar novas formas de existir no mundo.

Quando aparece no jogo de búzios, *Ìrosùn* frequentemente aponta para momentos de crise profunda, perdas simbólicas, términos de ciclos ou enfrentamentos inadiáveis. Mas ele também é um O de superação espiritual, de capacidade de regeneração interior, porque “por mais dura que seja a dor de *Ìrosùn*, ela carrega um ensinamento. Não há cura sem atravessar o que fere” (Beniste, 2001, p. 124). Clinicamente, *Ìrosùn* pode indicar momentos em que o

paciente está vivendo uma ruptura necessária, seja a perda de um ideal, o luto por um vínculo rompido ou o colapso de uma imagem de si. Sua potência terapêutica está em legitimar a dor como parte do caminho e não como sinal de fracasso, considerando que “a alma precisa da experiência da queda para reorganizar o sentido. O sofrimento é sua maneira de pensar” (Hillman, 1979, p. 81). A escuta simbólica de *Ìrosùn*, nesse contexto, ajuda o sujeito a reconhecer que a dor, quando acolhida, pode se tornar passagem – não prisão.

### **3.5 Òsé – O visível e o invisível em correspondência**

Òsé é o odu da reciprocidade sagrada. Ele revela que tudo o que se faz no plano material encontra eco no plano espiritual, e que nenhum gesto é neutro, pois a palavra, o silêncio, a promessa, o sacrifício e a omissão comunicam algo. Quando este odu aparece, ele aponta para a urgência de restaurar o equilíbrio entre aquilo que se faz diante dos olhos do mundo e aquilo que reverbera nos domínios dos orixás e ancestrais, já que “Òsé fala de equilíbrio e de responsabilidade. É o odu da verdade que precisa estar tanto nas ações quanto nas intenções” (Beniste, 2001, p. 168). O mitologema que estrutura Òsé é o da correspondência entre planos no sentido de uma coerência espiritual, pois “Òsé cobra verdade. Ele aproxima os mundos, mas exige que o elo não seja rompido por mentira, negligência ou descuido” (Mãe Stella de Oxóssi; Domini, 2017, v. 5, p. 12). A fala, neste odu, é mediadora entre realidades e pode ser ponte ou ruptura.

No campo da psicologia analítica, Òsé pode ser lido como um símbolo da necessidade de integração entre persona e Self, entre imagem e essência. Quando há dissociação entre o que se mostra e o que se vive internamente, a psique entra em colapso simbólico, tendo em vista que “a falta de correspondência entre a consciência e o inconsciente gera um ruído espiritual. Esse ruído se manifesta como crise ou como vazio” (Jung, 2000, p. 117). Òsé alerta para essa desconexão e chama o sujeito de volta à coerência interior.

No jogo de búzios, Òsé costuma surgir quando há falhas de compromisso espiritual, promessas não cumpridas ou alianças fragilizadas. Também pode indicar a necessidade de refazer vínculos com o sagrado, reorganizar oferendas ou ouvir com mais atenção os pedidos do invisível, pois “Òsé exige escuta. Ele não fala alto, mas quando se ignora sua voz, a vida responde com desequilíbrio” (Beniste, 2001, p. 171). Na clínica simbólica, Òsé pode emergir como a sensação de incongruência existencial, em que o sujeito sente que sua vida não expressa sua alma, que seus gestos estão desvinculados de sua verdade ou que vive relações

nas quais a troca está desequilibrada, considerando que “a alma se nutre da correspondência. Onde não há espelho simbólico, ela adocece” (Hillman, 1979, p. 90). Assim, *Òsé* convida à inteireza, alinhando palavra e intenção, ação e emoção, oferenda e desejo.

### **3.6 *Òbàrà* – O trânsito da vida através da fala**

*Òbàrà* é odu da palavra que constrói, organiza e transforma. Ele não se limita à ideia da fala como comunicação, pois, em sua estrutura simbólica, a palavra é ato, meio de travessia e ponte entre mundos. Trata-se de um odu em que a oralidade adquire função ritual, terapêutica e social, porque “*Òbàrà* é o verbo. Ele representa a comunicação entre os planos, a palavra que orienta, que cura, que decide” (Beniste, 2001, p. 145). O mitologema que estrutura *Òbàrà* é o da palavra como trânsito de vida: ela conduz, nomeia, narra, autoriza, inicia, “não é apenas som, é caminho. É por ela que a vida se orienta” (Santos; Domini, 2017, v. 7, p. 11). Em muitas tradições de matriz africana, a fala é uma forma de energia vital — não se fala por falar, mas por necessidade simbólica. Assim, *Òbàrà* aponta para a responsabilidade espiritual daquilo que se diz e daquilo que se cala, em uma espécie de logos ritualizado, no qual cada palavra carrega memória, ancestralidade e consequência.

Na Psicologia Analítica, *Òbàrà* pode ser relacionado ao arquétipo do mestre, guia ou mediador, aquele cuja palavra dá forma à experiência psíquica e sustenta a travessia interior. Na perspectiva de Jung (2000) “os símbolos verbais não são apenas descrições, mas canais por onde passa a transformação interior. Quando o inconsciente fala, ele forma” (Jung, 2000, p. 96), então *Òbàrà* representa o momento em que a alma precisa ser escutada — e respondida — por meio de palavras carregadas de sentido, não de ruído.

No jogo de búzios, a presença de *Òbàrà* sugere que a resolução de questões está vinculada à escuta atenta e à articulação verbal. Muitas vezes, indica que a cura simbólica se dará por meio de uma conversa significativa, um desabafo ou uma reaproximação pela fala, tendo em vista que “*Òbàrà* exige que se diga. Que se exponha. Que se fale com clareza. Ele não tolera o silêncio que adocece” (Beniste, 2001, p. 147). A fala, neste odu, é também diagnóstico: o modo como o consulente fala sobre si pode indicar a forma como ele está vivendo ou travando sua existência. Na clínica, *Òbàrà* pode estar relacionado à necessidade de simbolizar experiências ainda não narradas, ao dar forma verbal ao que foi vivido ou reprimido. Ele aparece nos processos terapêuticos em que a fala precisa ser resgatada como veículo de subjetivação, pois “a alma precisa contar sua história para se curar. A fala é sua

medicina invisível” (Hillman, 1979, p. 93). Assim, *Òbàrà* ensina que viver é também nomear, e que o silêncio, quando nasce da omissão ou da negação, pode sufocar o fluxo vital.

### 3.7 *Òdì* – A proteção que aprisiona

*Òdì* é um odu denso, muitas vezes temido nos contextos oraculares, mas profundamente revelador no plano simbólico. Ele representa o campo da contenção, dos limites, da paralisação e da clausura — imagens que não devem ser interpretadas apenas negativamente, pois, em *Òdì*, a proteção e o aprisionamento se confundem, revelando a ambiguidade arquetípica entre a forma que guarda e a que sufoca. É o momento simbólico em que a vida psíquica encontra um obstáculo que tanto impede quanto ensina, pois “*Òdì* é o odu da prisão: não só a prisão física, mas tudo aquilo que limita, impede ou retém — por vezes, para proteger, por vezes, para punir” (Beniste, 2001, p. 110). O mitologema central de *Òdì* é o da estrutura que se fecha, como o útero, a cela, o templo, o segredo: imagens que contêm em si tanto a ideia de cuidado quanto de limitação. Mãe Stella de Oxóssi e Graziela Domini (2017) enfatizam esse paradoxo: “*Òdì* segura. Não deixa passar. Mas, às vezes, o que ela segura está sendo salvo de algo maior. Outras vezes, é o próprio medo que prende” (Santos; Domini, 2017, v. 4, p. 14). Esse odu, portanto, ensina que nem toda paralisação é punição, e nem toda liberdade é benéfica, pois há tempos em que o recolhimento, o fechamento e o limite são formas de preservação psíquica e espiritual.

Do ponto de vista arquetípico, *Òdì* dialoga com estruturas defensivas do ego, como o arquétipo do velho rei que protege seu reino impondo fronteiras rígidas, ou com o arquétipo da torre, onde algo precioso está guardado, mas também isolado. Jung (2000) nos lembra que “o símbolo do muro aparece frequentemente em sonhos como uma forma de proteção contra conteúdos inconscientes perturbadores — mas também como sinal de bloqueio ao crescimento” (Jung, 2000, p. 130). *Òdì* opera nesse limiar para proteger a integridade, mas não ao custo da vitalidade.

No jogo de búzios, quando *Òdì* surge, ele costuma indicar momentos de estagnação, de clausura emocional e de travamento energético, mas também pode apontar para a necessidade de limites, de proteção ritual ou de contenção para que algo amadureça, pois “*Òdì* é o odu que ensina que o tempo da espera pode salvar. A precipitação aqui seria desastrosa” (Beniste, 2001, p. 113). Nesse caso, o consulente é convidado a permanecer no interior de si mesmo, até que algo esteja pronto para nascer ou se transformar. Clinicamente, *Òdì* revela padrões de defesa psíquica, mecanismos de negação ou de evitação do conflito,

mas ele também pode representar a pausa necessária para que o sujeito se reorganize internamente ou, ainda, uma defesa legítima diante de invasões externas. Hillman (1979) observa que “a alma se retrai quando não encontra espaço simbólico. E, às vezes, ela se recolhe não por medo, mas por sabedoria” (Hillman, 1979, p. 78). Assim, *Òdì* nos convida a escutar o que há de fértil no recolhimento e de doente na estagnação.

### 3.8 *Èjìonílé* – O lar ancestral

*Èjìonílé* é o odu da fundação. Quando esse odu se manifesta, ele convoca o sujeito à escuta da origem, à reverência pelos fundamentos e à responsabilidade pelo espaço simbólico que ocupa, pois “*Èjìonílé* é o odu da casa ancestral. Ele fala da base, da estrutura, da palavra que tem raiz e da verdade que não aceita deslocamento” (Beniste, 2001, p. 177). Ele não permite, portanto, construções sem solo e exige o retorno àquilo que sustenta. O mitologema que estrutura *Èjìonílé* é o da ancestralidade como lar ético. Trata-se da convocação simbólica para que o sujeito reconheça o chão em que pisa — não apenas como origem biográfica, mas como lugar espiritual que o antecede. Portanto, “este é o odu da palavra assentada. Não se fala por falar. Tudo que se diz carrega o peso de quem disse antes, de onde se disse e para quem se diz” (Santos; Domini, 2017, v. 8, p. 12).

Na psicologia analítica, *Èjìonílé* pode ser compreendido como símbolo do Arquétipo da origem estruturante, em que o sujeito é chamado a confrontar suas raízes simbólicas: família, tradição e imagens formadoras, já que “o solo da alma é ancestral. Quem ignora suas raízes, se fragmenta em busca de sentidos passageiros” (Jung, 2000, p. 121). *Èjìonílé*, além disso, não tolera dispersão, exigindo retorno e alinhamento entre origem e caminho.

No jogo de búzios, este odu frequentemente aparece quando há desconexão com a linhagem, conflito com a estrutura de pertencimento ou esquecimento de promessas espirituais feitas à ancestralidade. Também pode sinalizar a necessidade de refazer alianças com a casa espiritual, com o axé de origem e com os princípios que sustentam o caminho. Nesse sentido, “*Èjìonílé* lembra que a casa fala. E que quando ela não é respeitada, a palavra se perde” (Beniste, 2001, p. 179). Na clínica simbólica, *Èjìonílé* pode emergir como conflito de pertencimento, ruptura com as raízes ou dificuldade de ocupar um lugar simbólico no mundo. Pacientes que vivem em tensão com a própria origem ou com histórias familiares não pacificadas podem carregar a dor de não saber *onde é a sua casa* no sentido mais profundo. Hillman (1979) observa que “a alma procura casa — e às vezes se esconde atrás de

sintomas porque não encontra onde repousar” (Hillman, 1979, p. 105). O lar ancestral, neste odu, não é um lugar físico, mas uma consciência enraizada.

### 3.9 Òsá – O devaneio conflitante

Òsá é o odu das imagens que se chocam. Ele representa o momento em que o sujeito se vê suspenso entre tempos simbólicos: o passado ainda pulsa, o futuro exige passagem e o presente se torna um campo de tensão emocional e espiritual, já que “Òsá é o odu da desorganização interna. Ele mostra que, quando o tempo da mudança é ignorado, a alma se fragmenta entre o que já foi e o que ainda não pode ser” (Beniste, 2001, p. 181). O mitologema que estrutura Òsá é o da travessia interrompida. Ele não representa o fim nem o início, mas o entrelugar — o limiar onde o sujeito se encontra perdido, dividido, esgarçado entre ciclos que se cruzam sem resolução, pois “Òsá não é tempo para decisões precipitadas, mas também não aceita a paralisia. Ele é o momento em que a alma precisa de direção, e não encontra. Por isso, dói” (Santos; Domini, 2017, v. 9, p. 14). Trata-se de um estado em que a consciência vacila entre manter o conhecido e arriscar o novo.

Na Psicologia Analítica, Òsá se aproxima da experiência arquetípica da crise liminar, típica das fases de transição na individuação. Jung (2000) escreve: “Todo momento de mudança verdadeira é acompanhado por confusão e medo. É o colapso do antigo, ainda sem a estrutura do novo” (Jung, 2000, p. 139). Òsá representa esse colapso simbólico, o devaneio que tenta sustentar o que já ruiu, e que, por isso, entra em conflito consigo mesmo. A Psique, nesse ponto, pede escuta, tempo e coragem para romper.

No jogo de búzios, Òsá aparece com frequência em situações de instabilidade emocional, rupturas iminentes, decisões que foram adiadas por medo ou culpa e em momentos em que a espiritualidade exige posicionamento. Muitas vezes, esse odu indica que o consulente está imerso em promessas não cumpridas ou em situações que se arrastam sem verdade, e “Òsá é o aviso de que não dá mais para fugir. A mudança é inevitável, e a alma já não suporta o atraso” (Beniste, 2001, p. 183). Na clínica simbólica, Òsá pode emergir como angústia difusa, sensação de paralisia interna, depressão existencial ou, ainda, como um excesso de imaginação voltada para o passado e para o que poderia ter sido, sendo que “o sofrimento mais difícil de tratar é o que vem da alma que quer mudar, mas ainda está amarrada a imagens antigas. O novo exige luto” (Hillman, 1979, p. 111). Nesse sentido, Òsá indica que a permanência já não é possível.

### 3.10 *Òfún* – O sacrifício da luz reveladora

*Òfún* é o odu da revelação total — da luz que, mais do que iluminar, expõe, desnuda e transborda. É um dos odus mais intensos do jogo de búzios, pois traz consigo a força da verdade que não pode mais ser contida. Seu campo simbólico engloba justiça, responsabilidade ética e cobrança ancestral. Mas toda revelação vem acompanhada de um custo, pois “*Òfún* representa o saber elevado. Mas também o excesso. Ele mostra que tudo tem um limite — até a luz pode cegar se for demais” (Beniste, 2001, p. 184). Esse odu carrega o mitologema da exposição sagrada: a verdade que irrompe como luz sobre algo que estava escondido, o desvelamento que cura, mas que também exige sacrifício, já que “*Òfún* é o odu que escancara. Não por maldade, mas por justiça. Ele revela o que ninguém mais quer ver” (Santos; Domini, 2017, v. 11, p. 13). Nessa estrutura simbólica, carregar a verdade pode ser um fardo espiritual, e a revelação cobra de quem a recebe uma postura ética e madura.

Na Psicologia Analítica, *Òfún* pode ser lido como o momento em que o inconsciente lança à consciência conteúdos reprimidos, e o sujeito não pode mais recuar. Jung (2000) observa que “toda luz projeta sombra. A revelação de um sentido oculto na alma é, muitas vezes, vivida como sofrimento” (Jung, 2000, p. 123), e é nesse sentido que *Òfún* revela a verdade não como conforto, mas como exigência, no momento em que a alma é chamada a se responsabilizar pelo que agora sabe e não pode mais negar.

No jogo de búzios, *Òfún* aparece em momentos de grande virada espiritual ou existencial. Ele indica que não há mais como permanecer no desconhecimento, que os segredos serão revelados e que a ancestralidade está chamando à responsabilidade. Beniste (2001, p. 186) reforça que “*Òfún* não perdoa a omissão. Ele é o odu do acerto de contas com o destino”, então, muitas vezes, esse odu exige sacrifícios, não apenas no sentido ritual, mas como aberturas de mão simbólicas, renúncias, afastamentos e mudanças de postura diante da própria verdade interior. Na clínica simbólica, *Òfún* representa o momento em que o paciente se depara com a potência e o peso do que se revelou dentro de si: pode ser um segredo de família, uma dor ancestral ou uma verdade emocional há muito evitada. A verdade, quando emerge, exige escuta, mas também exige coragem para sustentar sua presença, pois “ver com a alma dói mais do que com os olhos. O que a alma vê, ela nunca mais esquece” (Hillman, 1979, p. 108). *Òfún* não permite retorno ao estado anterior, pois, uma vez revelada, a verdade transforma.

### 3.11 *Òwónrín* – O caos que move o acaso

*Òwónrín* é o odu da instabilidade criadora, do movimento abrupto e inesperado que redireciona o destino do consulente. É um odu que desafia o controle e convida à escuta do imponderável, pois “*Òwónrín* anuncia mudanças inesperadas. Nada permanece como está quando ele aparece. Há um corte, uma reviravolta, algo que exige adaptação imediata” (Beniste, 2001, p. 132). Sua força está no deslocamento, na quebra de padrões que pareciam fixos e na emergência do acaso como agente simbólico. O mitologema central de *Òwónrín* é o do caos transformador, muito próximo do Arquétipo junguiano do *Trickster*, que rompe convenções, introduz o erro produtivo, a confusão necessária para que a psique se reorganize, e “encarna o elemento inconsciente do caos, e por isso promove o movimento da consciência por meio do erro, do riso ou da catástrofe” (Jung, 2000, p. 157). *Òwónrín* traz esse aspecto ao e inserir na vida do sujeito uma força de descontinuidade simbólica.

Nas tradições do Candomblé, este odu está também ligado à palavra que transforma, seja pela fala criadora ou pela palavra que fere, considerando que “*Òwónrín* é aquele que fala o que ninguém quer ouvir. É o verbo que vira o mundo de cabeça para baixo. Mas, às vezes, é assim que ele se rearranja” (Santos; Domini, 2017, v. 6, p. 15). Quando aparece no jogo de búzios, ele costuma anunciar instabilidade e rupturas com o planejado, embora também traga a promessa de libertação de padrões antigos e acesso a novas formas de viver, pois “*Òwónrín* pode ser inquietante, mas ele limpa o caminho. Seu caos é movimento, e seu movimento é a chave para um destino mais livre” (Beniste, 2001, p. 135), ensinando que o acaso não é desordem absoluta, mas uma lógica simbólica que desafia os controles do ego.

Na clínica simbólica, *Òwónrín* pode emergir como imagem de crises de identidade, colapsos de antigos sistemas de crença ou rompimentos simbólicos que abrem caminho para o novo. Ele está presente nos momentos em que a psique precisa quebrar para se reconfigurar, lembrando que “o colapso pode ser a linguagem da alma que se recusa a seguir um caminho falso. O caos é seu pedido por outra escuta” (Hillman, 1979, p. 89). Assim, *Òwónrín* convida à confiança no movimento que não se pode controlar, mas que pode ser compreendido como abertura simbólica.

### 3.12 *Èjilàṣẹ̀bòrà* – O escolhido para a travessia

*Èjilàṣẹ̀bòrà* é o odu da vocação espiritual revelada. Sua presença no jogo de búzios marca uma encruzilhada decisiva na trajetória simbólica do sujeito: trata-se do momento

em que o destino se apresenta como compromisso espiritual que precisa ser reconhecido, aceito e atravessado, já que “*Èjìlášẹ̀bòrà* é o odu da iniciação. Ele revela uma missão, um chamado. Quem recebe esse odu não tem como ignorar sua responsabilidade com o sagrado” (Beniste, 2001, p. 193). Ele é, portanto, o odu que sinaliza que a travessia já começou, e o escolhido precisa caminhar. O mitologema central deste odu é o da vocação que irrompe: a convocação existencial que exige do sujeito fé, ação, entrega e sacrifício simbólico, porque “*Èjìlášẹ̀bòrà* não é fácil. Ele exige firmeza. É um odu que chama o iniciado a assumir o que já é seu por direito — e por destino” (Santos; Domini, 2017, v. 12, p. 14).

No plano arquetípico, *Èjìlášẹ̀bòrà* se articula com o arquétipo do herói iniciático, convocado pela dimensão transpessoal a realizar uma travessia que transformará sua alma e sua história. Jung (2000) descreve esse chamado como uma ruptura inevitável, pois “o encontro com a vocação profunda é um momento de desequilíbrio da consciência. Algo maior se impõe, e o ego deve ceder” (Jung, 2000, p. 137). Em *Èjìlášẹ̀bòrà*, a ruptura vem pela revelação interna de que negar o chamado seria renunciar à própria inteireza.

No jogo de búzios, quando este odu aparece, ele frequentemente indica o surgimento de um chamado espiritual, a confirmação de uma responsabilidade religiosa ou a necessidade de assumir uma função simbólica no mundo. Exu, que rege esse odu em muitas tradições, aparece como o mediador entre o destino e o caminhar, pois ele abre os caminhos, mas também exige postura, ética e coragem, já que “quem é chamado por *Èjìlášẹ̀bòrà* não pode fingir que não ouviu. É um odu que revela, exige e transforma” (Beniste, 2001, p. 195). Na clínica simbólica, *Èjìlášẹ̀bòrà* pode emergir como imagem de pacientes que estão diante de uma decisão crucial ou começam a intuir que seu sofrimento está relacionado à recusa de uma vocação. Muitas vezes, aparece quando o sujeito sente que algo maior o espera. Considerando que “a alma se agita quando sua vocação é ignorada. Ela cria sintomas, não para destruir o eu, mas para chamar sua atenção” (Hillman, 1979, p. 112), este Odu oferece uma escuta da vida como caminho espiritual e do sofrimento como chamado à verdade.

### **3.13 *Ògbón* – A repetição gera a perfeição**

*Ògbón* é o odu da repetição necessária, quando a vida retorna com a mesma lição. Sua presença no jogo de búzios aponta para situações em que o sujeito ainda não compreendeu o núcleo do seu próprio enredo, e por isso caminha em círculos, encontrando as mesmas dores e conflitos. Assim, “*Ògbón* é o odu do aprendizado pela repetição. Ele mostra que o que não se aprende, repete. E que só a consciência transforma o destino”

(Beniste, 2001, p. 199). O mitologema que sustenta *Ògbón* é o da lição insistente, em que o saber só se instala depois de múltiplas quedas e a maturidade só chega pelo atrito, tendo em vista que “*Ògbón* repete. Não por teimosia, mas por fidelidade àquilo que ainda precisa ser vivido até o fim. Ele não desiste do iniciado” (Santos; Domini, 2017, v. 13, p. 10). Essa fidelidade do destino é, ao mesmo tempo, desafio e bênção, pois quem recebe *Ògbón* precisa escutar o que está sendo dito com insistência pela vida.

No campo da Psicologia Analítica, esse odu se articula com o conceito de compulsão à repetição, não no sentido patológico, mas simbólico, pois se trata da repetição como linguagem da alma. Jung (2000) observa que “quando algo retorna demasiadas vezes, é porque a consciência ainda não reconheceu sua importância simbólica” (Jung, 2000, p. 127), e, assim, *Ògbón* convida o sujeito a sair do automatismo e entrar na escuta simbólica do que esse padrão insiste em mostrar e do que ainda não foi acolhido dentro de si.

No jogo de búzios, *Ògbón* pode sinalizar erros recorrentes, padrões de sabotagem, conflitos familiares cíclicos ou mesmo relações que retornam sob nova forma, mas com a mesma estrutura simbólica. Esse odu mostra que a transformação real só acontece quando se vive o processo inteiro, porque “*Ògbón* não aceita atalhos. Ele ensina pela paciência. A pressa é inimiga da perfeição que ele exige” (Beniste, 2001, p. 201). Na clínica simbólica, *Ògbón* aparece em processos terapêuticos em que o paciente sente que está repetindo sempre os mesmos comportamentos, apesar do desejo de mudança. Pode indicar estruturas psíquicas rígidas, identidades cristalizadas ou histórias familiares não elaboradas, tendo em vista que “a alma repete o que não foi sentido o bastante. O que ainda não foi atravessado com profundidade retorna — até que o sintoma se torne símbolo” (Hillman, 1979, p. 119).

### 3.14 *Ìká* – Quando o erro exige resposta

*Ìká* é um odu que confronta. Ele não suaviza os dilemas do consulente nem máscara as falhas do caminho, considerando que seu campo simbólico é o do acerto de contas ético, do erro que exige consciência e da palavra que acusa para que se possa corrigir, pois “*Ìká* revela momentos em que é preciso encarar as consequências de escolhas equivocadas. Ele não é o odu da punição, mas da responsabilização” (Beniste, 2001, p. 151). Trata-se de um momento em que a vida exige um posicionamento diante de algo que foi distorcido, seja uma relação, uma verdade, uma atitude ou uma narrativa de si. O Mitologema que estrutura *Ìká* é o da revelação do limite moral, no qual o erro não é um fracasso, mas uma convocação, pois “*Ìká* é o tempo da palavra dura. Não por crueldade, mas porque há coisas que só se

escutam quando doem” (Santos; Domini, 2017, v. 8, p. 10), ou seja, o paciente se vê diante daquilo que precisa ser reconhecido, ainda que a primeira reação seja resistência ou fuga.

Na Psicologia Analítica, *Ìká* ressoa com os processos de confrontação da sombra, entendida como a parte da psique que contém conteúdos negados, reprimidos ou projetados nos outros. Considerando que Jung (2000) afirma que “a sombra é o erro vivo — aquilo que a consciência prefere não ver, mas que continua agindo” (Jung, 2000, p. 118), neste odu a sombra se apresenta como parte do processo de integração simbólica e de responsabilização do sujeito por sua trajetória.

No jogo de búzios, *Ìká* frequentemente aparece em momentos de tensão moral, conflitos não resolvidos, acusações injustas ou escolhas que precisam ser revistas, além de apontar para situações nas quais há risco de repetir erros antigos. Beniste (2001) reforça que “*Ìká* pede vigilância e ação justa. É um odu que cobra, mas também orienta. Não basta reconhecer o erro — é preciso agir para não repeti-lo” (Beniste, 2001, p. 154), então a função simbólica deste odu é restauradora, pois ele oferece uma escuta ética do conflito e aponta para o caminho da correção com base em verdade, ao invés de autopunição. Na clínica simbólica, *Ìká* pode indicar padrões de autossabotagem, culpa não elaborada ou narrativas internas distorcidas que impedem o sujeito de agir com liberdade. Sua potência terapêutica está em colocar a pessoa diante de suas incoerências sem condená-la, embora exija um gesto ativo de reelaboração simbólica, pois “quando o erro é escutado com a alma [...] ele deixa de ser ruína e passa a ser caminho” (Hillman, 1979, p. 97).

### **3.15 *Ogbègúndá* – O ciclo de colisão**

*Ogbègúndá* é o odu da repetição conflituosa, que carrega em sua tessitura simbólica o choque entre padrões herdados e ações presentes, produzindo um ciclo de colisão no qual a alma se depara, repetidamente, com forças internas que exigem resolução. Trata-se de um odu de enfrentamento ancestral, em que o passado é energia ativa que, não sendo elaborada, retorna em forma de conflito. Considerando que “*Ogbègúndá* representa o retorno do corte, a espada que já feriu e volta para refazer a ferida — não por crueldade, mas porque a cura foi interrompida” (Beniste, 2001, p. 208), ele não admite omissão, pois exige ação consciente diante dos ciclos que insistem em não se encerrar. O mitologema central de *Ogbègúndá* é o do reencontro com a ferida não resolvida, então a colisão é uma mensagem ancestral que força o sujeito a reconhecer o ponto exato onde sua trajetória se repete, escolhas são tomadas sem escuta e o mesmo corte se manifesta em novos rostos, corpos e relações. Sabendo que

“*Ogbègúndá* não é um odu que chega de leve. Ele cobra presença. Ele exige que se olhe de frente aquilo que sempre foi evitado” (Santos; Domini, 2017, p. 16), então esse confronto, ainda que doloroso, é condição para a ruptura libertadora que o odu anuncia.

Na Psicologia Analítica, *Ogbègúndá* se aproxima da compulsão arquetípica de repetição inconsciente, dinâmica em que o inconsciente coletivo impulsiona o ego a reviver experiências traumáticas não integradas, pois “o destino repete aquilo que a consciência ainda não compreendeu. E o que retorna em forma de dor é também o que busca ser transformado” (Jung, 2000, p. 116). *Ogbègúndá*, nesse sentido, não é punição, e sim insistência simbólica, pois manifesta aquilo que não pode mais ser negado e oferece, por meio do conflito, a possibilidade de transcendência.

No jogo de búzios, este odu aparece quando o consulente está diante de padrões de sabotagem crônicos, repetições afetivas dolorosas ou decisões que foram tomadas com pressa e sem escuta ancestral. Enfatiza-se que “este odu fala da espada que corta mais de uma vez. Mas também fala da cura que só acontece quando se aceita olhar a lâmina” (Beniste, 2001, p. 210), ou seja, o destino não se reorganiza sem verdade e enfrentamento. Na clínica simbólica, *Ogbègúndá* pode emergir como crises reincidentes, sintomas que retornam com intensidade ou padrões relacionais que reproduzem traumas antigos. Sua função terapêutica está em iluminar o ponto exato onde a alma se enreda e, por isso, precisa de escuta radical, tendo em vista que “a alma repete porque precisa ser escutada de outro modo. O sintoma é o eco do que ainda sangra dentro” (Hillman, 1979, p. 121). *Ogbègúndá* é, portanto, esse eco tornado verbo: ele convoca, corta e insiste, porque quer curar.

### **3.16 Àlàfìà – Quando pousa a paz**

*Àlàfìà* é o odu do repouso espiritual, que representa o estado que emerge quando a dor já ensinou e a travessia foi cumprida. É um odu de harmonia restaurada, equilíbrio entre forças opostas e presença sutil do sagrado, sugerindo “a paz que chega quando se fez tudo o que havia de ser feito. Ela não grita, não impõe. Apenas pousa, e permanece” (Beniste, 2001, p. 215). O mitologema central de *Àlàfìà* é o da integração final, na qual, após conflitos, erros, cortes, revelações e travessias, a paz que se instala não é ingênua, e sim madura, tendo em vista que “*Àlàfìà* é o odu da confiança. Quem a recebe sabe que pode descansar. Não por inércia, mas porque cumpriu seu papel” (Santos; Domini, 2017, p. 11).

Na Psicologia Analítica, *Àlàfìà* pode ser associada a momentos em que o Self encontra uma forma de compor uma totalidade simbólica com o ego, após longos processos de

individação, sendo que “a paz interior não é um dom, mas um estado posterior ao enfrentamento das sombras. É a alma pacificada consigo mesma” (p. 154). *Àlàfià* é exatamente isso: a alma que pousa porque finalmente foi escutada.

No jogo de búzios, *Àlàfià* aparece com frequência em contextos de conclusão de processos espirituais, reconciliações profundas ou momentos em que a força ancestral se manifesta como bênção silenciosa. Também pode indicar que as respostas já foram dadas e que é tempo de recolher os frutos, ou apenas respirar, já que “*Àlàfià* não traz aviso. Ela confirma. Não pede pressa, mas respeito pelo silêncio que cura” (Beniste, 2001, p. 217). Na clínica simbólica, pode indicar fases de integração profunda, quando o paciente atinge um estado de escuta madura, sem a urgência de mudar, vencer ou provar algo. Representa o momento em que o sintoma se dissolve porque o conflito que o sustentava foi atravessado. Considerando que “a alma ama o repouso que vem depois da escuta. O descanso não é fuga, é celebração” (Hillman, 1979, p. 131), nota-se que *Àlàfià* ensina a arte de permanecer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os caminhos simbólicos do *merindilogun* como sistema ritual e arquetípico, nota-se que jogo de búzios compartilha com a clínica psicológica — especialmente com a psicologia analítica — o interesse pela escuta simbólica da experiência humana, o que permite pensá-lo como um sistema alternativo, e não menos sofisticado, de interpretação da alma. Assim, os 16 odus, além de estruturas divinatórias, são expressões mitologêmicas da Psique com suas narrativas estruturantes que traduzem o modo como o sujeito afro-diaspórico compreende, elabora e atravessa suas experiências no mundo. Eles oferecem à psicologia analítica uma gramática simbólica própria, enraizada em cosmologias que há séculos compreendem o sofrimento, a cura e o destino com profundidade e beleza.

É nesse sentido que este artigo visa contribuir com uma proposta de psicologia junguiana decolonial e intercultural, que reconhece os saberes afro-religiosos como formas legítimas de organização simbólica da existência, como práticas de cuidado da alma e como epistemologias espirituais capazes de iluminar os processos clínicos contemporâneos. Esse trânsito promove a descolonização da escuta clínica, além de desestabilizar paradigmas eurocêntricos de sofrimento e subjetividade.

Ao reconhecer os odus como mitologemas arquetípicos, portanto, abre-se espaço para uma Psicologia Analítica Afrocentrada, sensível à complexidade das expressões culturais

não ocidentais que foram historicamente invisibilizadas. Que o oráculo continue abrindo caminhos. Que a Psicologia saiba escutá-los.

## REFERÊNCIAS

BENISTE, José. **O jogo de búzios: um encontro com o desconhecido**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo; DOMINI, Graziela. **Destinos: os caminhos dos odus**. Salvador: Autorale, 2017.

HILLMAN, James. **O mito da análise: três ensaios sobre a psicologia arquetípica**. Lisboa: Edições 70, 1979.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Dora Ferreira da Silva. 17ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOGUEIRA, Simone Gibran (org.). **Psicologia afrocentrada no Brasil: psicologia da educação em diálogo com saberes tradicionais**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2023.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

***Apoio:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*

***Conflito de interesses:** O autor declara não haver conflito de interesses.*

***Recebido em:** 11-03-2026*

***Aprovado em:** 01-06-2026*

***Editor-gerente:** Moisés Sbardelotto*